

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

18. MAIS SANTIDADE QUE ZELO, A D. Kobès

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 18. MAIS SANTIDADE QUE ZELO, A D. Kobès. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/74>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

18. MAIS SANTIDADE QUE ZELO

A D. Kobès²⁰⁹

Libermann tem apenas mais três meses de vida. Dentro de menos dum mês, aparecerão as primeiras manifestações de sua última doença.

Desde a fundação da Obra até à sua morte três temas o habitam:

- A paixão pela Evangelização e, a partir de 1843, com o “desastre da Guiné”, as dificuldades da evangelização de África. Esta carta é na realidade uma reflexão de fundo sobre este tema: “... Temos de contar com toda a espécie de canseiras, de privações, sofrimentos, dificuldades...”

- A importância, nunca desmentida, concedida à “regularidade”, à vida religiosa ou vida de comunidade e isso antes mesmo da fundação da Obra dos Negros, e que resume aqui numa fórmula lapidar “...a missão é o fim, mas a vida religiosa é o meio sine qua non...”.

- E o tema da santidade do missionário, que já em 1839 percorria as suas cartas aos seus co-fundadores Le Vavas seur e Tisserant e que, perto do fim de sua vida se torna um tema recorrente nas “Instruções” assim como nas suas últimas cartas, tal como na escrita ao P. Lairé e nesta a D. Kobès, e que não o deixará até ao último suspiro: “Deus [...] parece-me evidente que quer que salvemos esta região mais por nossa própria santificação que por nosso zelo [...] Se eles forem santos religiosos, salvarão as almas; se não o forem, não farão nada [...]”.

Podemos, a justo título, considerar esta carta a D. Kobès²¹⁰ como uma das peças mais importantes de seu testamento espiritual.

²⁰⁹ ND XIII, pg. 351-356.

²¹⁰ Cf. índice onomástico.

Congregação do Espírito Santo

Paris, 1 de Novembro de 1851.

Sr. Bispo,

Acabo de saber com grande mágoa que está sem receber cartas minhas desde Outubro do ano passado: não sei a que atribuir isso senão à malícia do demónio da Guiné que nos quer atormentar de todas as maneiras, procurar esgotar a nossa paciência e destruir, quanto puder, a união de caridade que reina entre nós. Escrevi-lhe não uma, mas nem sei quantas cartas. Nunca deixei uma carta sem resposta, nenhuma questão sem ser tratada. Escrevi-lhe pelo menos três ou quatro vezes desde Abril passado; a única de suas cartas a que devo resposta é a que me chegou ainda não há 10 dias. O extravio destas cartas faz-me reçar que também as que mandei aos confrades tenham tido igual sorte. Respondi a todos, exceto àqueles cujas cartas me chegaram ultimamente no fim do verão: queira dar-lhes conhecimento disto e dizer-lhes quanto lamento esta miserável tramoia do demónio.

Quanto mais avançamos mais podemos convencer-nos que a nossa querida Missão da Guiné é uma obra de paciência, de abnegação, de mansidão e de abandono a Deus. Sr. Bispo, se há missionários que devam sentir necessidade de ser santos, esses devemos ser nós mais que quaisquer outros. Se os missionários da Guiné não tiverem um alto grau de santidade, tornar-se-ão joguete do demónio que se afinca tanto em molestar-nos, em atormentar-nos de toda a forma e feitio. Vejo agora mais que nunca que a nossa vida deve ser uma vida de total sacrifício: é necessário que cheguemos a uma tal abnegação de nós mesmos nas pequenas como nas grandes coisas, que fiquemos impassíveis diante de tudo o que nos acontecer; temos de contar com todas as canseiras, todas as privações, todos os sofrimentos, dificuldades de todo o género, e permanecer firmes diante de Deus, na paz, na humildade, na mansidão e com plena confiança na sua misericórdia; não desesperar de nada, nem nos exaltarmos com nada, moderar a nossa alegria no sucesso e ser pacientes na adversidade; em tudo manter a calma como homens que se apoiam unicamente em Deus, que fazem só a obra de Deus, sem nenhum auto-comprazerimento; e de tal modo que se as coisas nos correrem bem nos alegremos em Deus e para Deus, por Ele ter realizado em nós os seus desígnios, sendo suave e tranquila a nossa alegria; e se nos correrem mal, se formos travados no nosso caminho [...].

Antologia Espiritana

Não é para lhe fazer qualquer tipo de observação que lhe digo isto, mas para verter no seu o meu coração. Nem imagina a impressão que me faz o esforço do inimigo para travar o progresso da palavra de Deus e a efusão da sua graça, e sobretudo para misturar defeitos e imperfeições com o zelo e generosidade de nossos queridos missionários.

Muitas vezes medito diante de Deus no que nos tem acontecido desde o começo desta santa Missão e vejo que Deus nos quer humildes, submissos a todas as suas adoráveis vontades e entregues só e totalmente a Ele; para Ele abençoar os nossos trabalhos é preciso que os nossos missionários se ocupem seriamente de sua própria santificação; só então é que Deus nos abençoará, e é por isso que nos obriga a parar; Ele quer moderar o ardor de nossos desejos e o entusiasmo da nossa ação para não sermos soberbos; prova-nos pela dor, sofrimentos e contrariedades de todo género para nos manter na humildade e nos santificar pela paciência, pela mansidão e pelas práticas santas e santificantes da vida religiosa.

O que mais me impressiona é que Deus nos tenha encarregado desta Missão da Guiné, dê a todos um desejo ardente de converter esta terra e ao mesmo tempo nos detenha a meio da nossa marcha, e nos tire precisamente aqueles que pareciam os mais capazes de apoiar os seus esforços e os meus. De entre os que Deus quis chamar a si desde que nos enviou a essa infeliz terra, há nove anos, oito ou nove poderiam dar excelentes superiores de comunidade e talvez mesmo de missão; deixa-nos só os menos capazes. [...] Que dizer deste modo de proceder de Deus? A seu tempo, Ele nos manifestará os seus desígnios; no entretanto, creio ver nisso um sinal de que a divina Bondade nos quer humilhar e fazer ver em que conta devemos ter os nossos esforços e as nossas pessoas. Confesso-lhe, Sr. Bispo, que não ousou afligir-me com todas estas desgraças nem com as dificuldades delas resultantes por estar convencido que tudo isto faz parte dos seus desígnios de misericórdia para connosco e para com este pobre povo, que estamos encarregados de evangelizar.

Há um pensamento que me tem vindo com frequência, e algumas vezes até me tem preocupado muito: tenho pensado muitas vezes que, se tem sido do agrado de Deus tratar-nos tão duramente, é para nos corrigir misericordiosamente pelos nossos pecados. Parece evidente que Ele quer que salvemos esta terra mais pela nossa própria santificação que pelo nosso zelo; quero dizer

Congregação do Espírito Santo

com isto que a santa vontade de Deus é que no meio desses povos levemos uma vida toda santa e tenhamos um cuidado muito particular em praticar as virtudes sacerdotais e religiosas, a humildade, a obediência, a caridade, a mansidão, a simplicidade, a vida de oração, a abnegação, etc. Isto deve ser objeto de todos os nossos cuidados, e de modo nenhum impedirá o exercício do zelo apostólico, antes pelo contrário lhe dará mais consistência e perfeição. É o caminho seguido pelos santos religiosos que converteram a Alemanha e a Inglaterra, é o que Deus quer que sigamos, o único capaz de atrair as suas bênçãos. Ora, parece-me que alguns de nossos caros confrades se deixaram desviar dele: cheios de ardor e de generosidade, deixaram-se arrastar pela ideia do zelo; esta ideia levou-os para o que é exterior, distraiu-os dos exercícios interiores e das virtudes da vida religiosa, evangélica. A ação do clima, que agita e irrita as sensações, ao dar com eles assim demasiado superficiais e pouco sólidos nas virtudes interiores, deveria naturalmente juntar a sua colherada e tornar-se nas mãos do demónio um instrumento para desviá-los da vida de perfeição.

O que os poderá ter induzido a este falso caminho, foi a ideia inexata de seu estado de vida. Estes pobres filhos, tendo deixado o seu país para serem missionários, mantiveram sempre esta ideia: antes de tudo, sou missionário; como consequência e sem se darem conta, não dão a devida importância à vida religiosa e entregam-se demasiado à vida exterior; é uma conjetura que partilho consigo. Ora bem, se tal conjetura tiver fundamento, seria importante esclarecer estes caros confrades, fazer-lhes ver que a missão é sem dúvida o fim, mas que a vida religiosa é um meio sine qua non e que este meio deve merecer-lhes o máximo cuidado e atenção. Se eles forem santos religiosos, salvarão as almas; se não, nada feito, porque a bênção de Deus está ligada à santidade deles e esta depende unicamente da fidelidade às práticas da vida religiosa.

Asseguro-lhe que, às vezes, passo momentos muito penosos, quando penso nos sofrimentos contínuos desses pobres filhos e na generosidade com que os suportam; digo para mim mesmo que haveria aí matéria para fazer grandes santos, se estivessem bem imbuídos do espírito de suas Regras, se cultivassem bem a vida e as virtudes interiores e religiosas, e que por falta desta fidelidade ao espírito de nossas Regras e desta atenção à vida interior e religiosa, perdem um mérito imenso, que seria um tesouro inesgotável para essa pobre terra que evangelizam, e só a meias é que agradam a Deus; isto

Antologia Espiritana

dilacera-me o coração. [...] No entanto, no fundo, todos os seus missionários são bons, e se tivessem este espírito religioso, interior, se trabalhassem com fidelidade na observância da Regra e nas práticas interiores, os seus defeitos diminuiriam. Creio que um dos pontos a que terão de prestar mais atenção é à agitação e irritação produzidas pelo clima e sobretudo pelas febres frequentes.

Tenho uma ideia, que lhe confio tal qual, e faça como entender melhor; é que talvez você fizesse bem em dirigir uma instrução aos missionários para lhes ensinar o que Deus pede do zelo e da fidelidade deles. Nela poderia acentuar as mágoas e inquietações que lhe manifesto, apresentar as ideias gerais que lhe comunico, os exemplos dos apóstolos da Alemanha e Inglaterra que refiro; você vincaria as suas ideias, desenvolvendo-as, aplicando-as às atividades, aos defeitos e às falhas que conhece, conforme a prudência lho permitir; poderia concluir com normas práticas para a vida interior e para a conduta exterior e com conselhos sábios, moderados e firmes; fazendo assim, teria dado o impulso inicial e depois era só manter o que tivesse prescrito. Seria sobretudo importante instruir muito em especial os que estão à frente das comunidades para que o apoiem na vivência das Regras, do espírito religioso, etc. [...].

Deus pôs-nos à prova em Caiena tal como na Guiné. Dos três missionários que para lá mandei, aprouve a Deus levar-nos, passados três meses, o superior, o P. Thoulouse²¹¹. [...] Louvado seja Deus! Só Ele é o dono tanto do nosso pessoal como das nossas obras. [...] Estou muito feliz por ter uma dor para lhe oferecer. [...]

Por aqui se vê mais uma vez, Sr. Bispo, como apraz a Deus fazer-nos cair na conta do nosso nada e como Ele quer construir a sua obra devagar e a muito custo com instrumentos que nada valem. Se aparece entre nós alguém com qualidades para ser superior, ou morre ou cai doente, etc. Teremos que nos afligir por isso? Decerto que não; o que é preciso é fazer como deixei dito acima, e esperar os momentos de Deus em paz e humildade!

Seu bem pobre servidor.

F. Libermann

²¹¹ Cf. índice onomástico.